

PEDAGOGIAS DE MULHERES QUILOMBOLAS NA BAHIA: SABERES, ATUAÇÕES POLÍTICAS E EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER

Silvana Santos Bispo¹

Silvanabispo18@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

Resumo: *Este estudo apresenta uma reflexão sobre as pedagogias desenvolvidas por mulheres quilombolas em algumas comunidades quilombolas baianas, analisando seus saberes, atuações políticas e o papel da educação escolar quilombola como construção do bem viver nessas comunidades. A pesquisa busca compreender como as mulheres quilombolas têm mobilizado seus conhecimentos tradicionais e suas práticas pedagógicas para promover a valorização de suas culturas e identidades, assim como para enfrentar os desafios da colonialidade do ser, saber, poder e viver. O referencial teórico se fundamenta nos estudos sobre educação escolar quilombola, das escrituras, decolonialidade e da interseccionalidade. O que proponho é uma abordagem crítica da educação que reconhece e valoriza os saberes e práticas dessas comunidades tradicionais, em contraposição ao modelo eurocêntrico e brancocêntrico que insistem em se impor. Nesse contexto, destaca-se o protagonismo das mulheres quilombolas na preservação e transmissão dos saberes ancestrais, bem como em suas ações políticas de (re)existências, ativismos e luta por direitos e reconhecimento por seus territórios e modos de vida. As análises também evidenciam a importância da educação escolar quilombola como espaço de afirmação cultural e de formação para o bem viver. Os projetos pedagógicos desenvolvidos por mulheres quilombolas buscam superar a colonialidade do saber, valorizando as tradições culturais, a língua materna e os conhecimentos locais, ao mesmo tempo em que dialogam com outros saberes e perspectivas.*

Palavras-Chave. *Mulheres Quilombolas, Bem Viver, Decolonialidade.*

¹ Professora da Rede Estadual da Educação do Estado da Bahia (SEC/BA). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPG/NRIM/UFBA), mestra pelo mesmo programa de pós-graduação. Licenciada em História pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Mulher de periferia. Educadora da Escola de Formação Política Beatriz Nascimento, do Instituto da Mulher Negra (ODARA/BA). Feminista Negra, militante, antirracista e anticapitalista e mãe de uma menina negra, Eloah S. B. **Conceição.**

Abstract. *This study presents a reflection on the pedagogies developed by Quilombola women in several Quilombo communities in Bahia, analyzing their knowledge, political actions, and the role of Quilombola school education in constructing well-being within these communities. The research aims to understand how Quilombola women mobilize their traditional knowledge and pedagogical practices to promote the valorization of their cultures and identities, as well as to confront the challenges of coloniality in being, knowing, power, and living. The theoretical framework is rooted in studies on Quilombola school education, *escrevivências* (writing oneself into existence), decoloniality, and intersectionality. What is proposed here is a critical approach to education that recognizes and values the knowledge and practices of these traditional communities, in contrast to the Eurocentric and white-centric models that persistently impose themselves. In this context, the protagonism of Quilombola women in preserving and transmitting ancestral knowledge is highlighted, as well as their political actions of (re)existence, activism, and the struggle for rights and recognition of their territories and ways of life. The analyses also underscore the importance of Quilombola school education as a space for cultural affirmation and personal development. The pedagogical projects developed by Quilombola women aim to overcome the coloniality of knowledge, valuing cultural traditions, mother tongue, and local knowledge, while engaging in dialogue with other forms of knowledge and perspectives.*

Keywords: *Quilombola Women, Well-Being, Decoloniality.*

1. Introdução

O presente texto busca analisar as pedagogias desenvolvidas por mulheres quilombolas em algumas comunidades no Estado da Bahia, examinando a forma como seus saberes tradicionais e práticas pedagógicas quilombolas contribuem para a valorização das culturas e identidades locais, bem como para enfrentar os desafios impostos pela colonialidade do ser, do saber, poder (QUIJANO, 2015), e completaria, do viver especialmente para nós, populações negras e povos originários em terras brasileiras. A reflexão aqui está articulada nos referenciais teóricos que abordam a educação escolar quilombola², as *escrevivências*, a decolonialidade e a interseccionalidade, além da perspectiva feminista negra. Através de uma abordagem crítica, este breve diálogo pretende apresentar a relevância das vozes e conhecimentos das mulheres quilombolas como instrumentos de (re) existência e transformação social. Este artigo, em uma pequena parte de meu doutoramento em andamento, cujo título é: ***FEMINISMO NEGRO QUILOMBOLA NA BAHIA: aquilombamento e ativismos na construção de um projeto de sociedade negra.*** A tese investiga como as práticas políticas e ações de 20 mulheres

²Para maiores informações sobre a Educação Escolar Quilombola, sua modalidade de ensino e as Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola, acesse: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18693-educacao-quilombola>

quilombolas, sendo sua maioria lideranças em suas comunidades, alimenta e retroalimentam as práticas e ações dos feminismos negras, ao passo que, investigo também como suas ações demarcam uma posição de um projeto de sociedade negra em consonância ao Bem Viver.

Nas terras das diversas Bahias que pertenço, berço de histórias ancestrais e de emblemáticas manifestações culturais, políticas, ativistas e sociais, emerge um tecido social entrelaçado pelas vozes e atuações das mulheres quilombolas na Bahia. Como mulher negra, ativista, educadora social de periferia, professora, feminista, este artigo propõe-se uma análise das práticas pedagógicas ancestrais que emergem dessas mulheres. Em seu corpo-mata, corpo-território como nos ensina a historiadora, ativista e professora Beatriz **Nascimento** (2018), pulsam nas cosmopercepções, como lindamente nos ensina a ativista e pesquisadora nigeriana Oyěwùmí **Oyèrónké** em sua obra: *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*³, obra publicada no Brasil em 2019. Saberes historicamente perpassados de boca a ouvido. Não se trata apenas da transmissão de conhecimentos em sala de aula, por exemplo, mas de um processo de ressignificação que desafia e reconfigura o tecido sociocultural de suas realidades em comunidades de quilombo. Sinto-me profundamente conectada com essas mulheres, pois compartilhamos trajetórias de luta e resistência que se entrelaçam nas histórias delas e de suas comunidades.

Vale ressaltar que os nomes de pensadoras e pensadores negras e negros que aparecem ao longo do texto em **negrito**, demarca não apenas uma escolha embasada em considerações teórico-metodológicas, mas carrega um significado político profundo. Ela representa uma estratégia epistêmica cuidadosamente concebida para afirmar a conexão racial dessas e desses intelectuais com suas identidades, em especial a racial, promovendo assim sua visibilidade e reconhecimento, frete a uma epistemologia hegemônica que historicamente invisibilizou os conhecimentos e produções realizadas por pessoas negras no Brasil e na diáspora africana.

A adotar essa abordagem, estou contribuindo para reverter essa marginalização histórica e dar o devido reconhecimento a essas vozes e produções essenciais frente uma sociedade construída em bases racistas, misóginas, sexistas e patriarcais. Nesse sentido, seguindo os ensinamentos da ativista, professora e pesquisadora Angela **Figueiredo** (2020), reconheço a importância em destacar/demarcas politicamente os nomes dessa

³Publicado originalmente em 1997, o livro foi resultado de sua tese de doutorado.

intelectualidade ao colocá-los negritados. Nesta perspectiva:

Reinvindicamos também enegrecer as referências bibliográficas – procedendo de maneira análoga aos textos feministas que reconhecidamente transformaram as regras de citações, ao incluir o primeiro nome das mulheres citadas nos artigos, para fazer frente à certa masculinização das referências bibliográficas, quando apenas os sobrenomes são citados – colocando em negrito o sobrenome para indicar que aquelas são contribuições de autoras e autores negros. Desse modo, subvertemos a regra; para nós será **DAVIS**, Angela, por exemplo. (**FIGUEIREDO**, 2020, p. 8).

Nesse contexto, minha abordagem neste texto se manifesta como uma ação política consciente e de afirmação como uma mulher negra. Vai além de meramente adotar uma perspectiva metodológica como já dito, é uma expressão de agência que transcende minhas experiências como militante feminista e antirracista. As reflexões que apresento aqui não são apenas um exercício acadêmico, mas sim uma contribuição que se une aos registros, produções, memórias e conhecimentos de mulheres negras brasileiras e da diáspora africana, tanto as do passado quanto as contemporâneas. Essas vozes resilientes continuam a (re)existir diante do processo de invisibilidade e apagamento sistemático ao qual nossas criações/escritos/epistemes foram e em muito ainda são submetidas, assim como, as histórias e memórias das mulheres quilombolas. Nesta perspectiva, como pesquisadora negra, carrego a consciência da responsabilidade política que é acompanhada ao compromisso de contribuir para o discurso sobre as populações negras, especialmente focando nas mulheres negras quilombolas.

2. As Vozes de Mulheres Quilombolas Baianas: narrativas vivas através da história oral e das escrituras

No âmago deste estudo reside a inquietude sobre como suas práticas pedagógicas quilombolas realizados pelas mulheres em e nas comunidades se tornam faróis de valorização intrínseca de culturas e identidades locais, enquanto enfrentam as forças da colonialidade que há séculos permeiam nossas vidas, memórias e histórias. A perspectiva da educação quilombola transcende os muros das escolas e assume um papel de importante de transformação, algo que ressoa profundamente com minha jornada como educadora social

em áreas periféricas, na minha unidade de ensino, nas comunidades quilombolas, dentre outros. Ao valorizar os saberes tradicionais quilombolas, é necessário um efetivo reconhecimento histórico desses povos tradicionais, pois esses saberes precisam serem entendidos e sentidos como base para a construção de um processo educativo enraizado na cultura e na identidade local.

Os referenciais teóricos que sustentam esta pesquisa convergem para um entendimento profundo da complexidade da educação escolar quilombola. No cerne deste sistema educacional está uma expressão de resistência, um grito coletivo de vozes marginalizadas que ecoam em cada sabedoria transmitida e em cada prática engajada. Minha identidade como mulher negra, ativista e educadora social é moldada por esse mesmo espírito de resistência e resiliência que permeia as comunidades quilombolas. Neste contexto, uma abordagem crítica emerge como lente indispensável para entender o papel das mulheres quilombolas como agentes de transformação social. Como alguém que compartilha o mesmo espaço de atuação e enfrenta as mesmas barreiras, almejo iluminar a importância dessas vozes, que não apenas desafiam estruturas historicamente opressivas, mas também transmutam suas realidades por meio da educação e do ativismo.

Assim, a metodologia adotada para este artigo se baseia principalmente em fontes orais, registrando suas vozes, memórias e histórias. Essa abordagem se justifica pela importância de capturar suas narrativas pessoais e experiências vividas, respeitando suas vozes e perspectivas, pois essas mulheres constroem historicamente suas ações e agências. As trajetórias de vida e as memórias das entrevistadas são analisadas de forma contextualizada, permitindo a compreensão das conexões entre saberes, ações políticas e educação escolar nas comunidades quilombolas.

Ao passo que também adota uma abordagem baseada na teoria e método de escrevivência (EVARISTO, 2020), como forma de dar vida e significado às experiências das pessoas negras, em especial das mulheres negras e quilombolas em suas identidades não-fixas. A importância da escrevivência como teoria e método de escrita das mulheres negras permeou cada etapa do estudo. Ao enfatizar a escrevivência, reconheceu-se o ato de contar histórias como um ato de empoderamento. As mulheres não apenas compartilharam suas experiências, mas também moldaram a maneira como essas histórias foram contadas, desafiando o tradicional paradigma de escrita que frequentemente negligenciava ou distorcia suas vozes. Refletindo sobre a importância da escrevivência, a ativista, escritora e linguista Maria da Conceição **Evaristo** nos diz que:

Pensar a Escrivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia desentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. [...] Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossos ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escritvência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonhos injustos”. (EVARISTO, 2020, p. 29-30).

A concepção de escritvência, conforme explorada por Conceição Evaristo, traz à tona uma imagem poderosa que transcende a mera grafia e som das palavras. Ela remete a uma cadeia de sentidos que fundamenta seu significado e desencadeia sua dinâmica. Em seu cerne, escritvência emerge como um ato de escrita das mulheres negras, uma ação que busca desfazer a imagem do passado em que suas vozes, inclusive aquelas de mulheres escravizadas, eram controladas e subjugadas pelo domínio dos escravocratas. Nesse processo, escrita e a oralidade, a fala, a voz, o ecoar das nossas vozes (hooks, 2019), fazem frente a um sistema opressor, racista, sexista e brancocêntrico que cercam sociedades que vivenciaram a experiência da escravização, como é o caso do Brasil.

Como dito, a construção desse texto parte de minha pesquisa de doutoramento ainda em desenvolvimento, porém já posso perceber através das análises das transcrições realizadas com minhas interlocutoras, que ela aponta para um processo de afirmação, lutas e (re)existência extremamente potente de suas realidades, muitas vezes vivenciadas por ameaças, de destruição de seus espaços sagrados, pelos conflitos/disputas fundiárias, posse de suas terras ancestrais. Mas, sobretudo são agentes mulheres agentes ativas na política local (em seus quilombos de origem e através das articulações estaduais e a nível nacional) e na defesa de direitos. Elas frequentemente lideram iniciativas de mobilização, organização e ações, buscando melhorias nas condições de vida de suas comunidades e isso é promover educação e pedagogias quilombolas. Suas atuações política vão além das estruturas formais,

envolvendo a promoção da equidade de gênero, o acesso à educação, saúde e serviços básicos, bem como a luta pela preservação dos seus territórios ancestrais.

3. “Eu Sou Porque Nós Somos”: seguiremos na luta e em luta

Início esse ponto de reflexão convocando a filosofia africana do Ubuntu: “*Eu Sou Porque Nós Somos*”. O conceito de Ubuntu é profundamente poderoso e ressoa de maneira significativa com a luta, a identidade e a resistência das mulheres quilombolas na Bahia e em todo o mundo. Ubuntu é uma palavra africana que provém das línguas zulu e xhosa, e encapsula uma filosofia essencial que reconhece a interconexão e a interdependência de todas as pessoas. A expressão traduz a ideia de que nossa individualidade está intrinsecamente ligada à nossa coletividade, que nossas histórias, identidades e existências estão entrelaçadas com as de outras pessoas (Makumba, 2014). E concepção de mundo e de cosmovisão de grande significado para as populações negras em/nas diáspora africanas ainda vivenciadas, por nós, populações negras em tempos e lugares diferenciados.

Neste interim, visualizo o quanto é importante o diálogo entre a visão de mundo Ubuntu, aos ensinamentos, pedagogias educacionais quilombolas, isso porque a educação escolar quilombola, está alicerçada na coletividade, na comunidade, ao passo que se intersecciona nas pedagogias desenvolvidas por mulheres quilombolas, desafia o paradigma eurocêntrico e brancocêntrico que historicamente dominou o sistema educacional. Esses projetos pedagógicos buscam reconhecer e valorizar as tradições culturais, a língua materna e os conhecimentos locais, ao mesmo tempo em que dialogam com outras perspectivas.

Ao superar a colonialidade do saber, as mulheres quilombolas contribuem para a construção de um espaço educacional que promove o bem viver, a afirmação cultural e a formação crítica. Ubuntu também destaca a importância do cuidado mútuo, da solidariedade e do apoio mútuo. Nas comunidades quilombolas, as mulheres frequentemente desempenham papéis centrais na construção e sustentação da vida coletiva. Elas são mães, mentoras, líderes e ativistas, trabalhando em prol do bem-estar de suas famílias e comunidades. Seus esforços são parte integrante da construção de um espaço onde todas as vozes são ouvidas, todas as identidades são valorizadas e todas as lutas são compartilhadas.

Durante o processo de construção deste texto, bem como no encaminhamento da escrita da tese de doutorado, tive o privilégio de contar com o apoio e inspiração de mulheres potentes, agregadoras e visionárias que moldaram/moldam minha perspectiva e

determinação como mulher negra, mãe, professora, ativista e educadora social de periferia. Entre essas influências notáveis, destaco a figura marcante e poderosa de **Mãe Maria Bernadete Pacífico Moreira**, conhecida carinhosamente como **Berna**, por muitas e muitos, ou simplesmente **Dona Bernadete**, por outras e outros. Sua atuação incansável como Ialorixá e líder quilombola do Quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, Bahia, foi uma fonte de sabedoria e coragem, te agradecerei sempre, AXÉ. Não sou eu, como para todas as pessoas que tiveram o privilégio de seu convívio.

No entanto, ao refletir sobre a trajetória de Berna, somos confrontados com a trágica realidade de que sua luta foi interrompida por um ato brutal e covarde no dia 17 de agosto de 2023, numa noite de quinta-feira a noite, dentro de sua casa, dentro de seu quilombo, em companhia de seus netos. Em 2017, seu filho caçula, **Flávio Gabriel Pacífico dos Santos**, também conhecido como **Binho do Quilombo**, foi brutalmente executado, e até o momento, essa brutalidade permanece sem solução. Essa perda dolorosa e a ausência de justiça são um triste lembrete das ameaças enfrentadas pelas mulheres quilombolas e suas comunidades. Dona Berna era incansável na luta por justiça pelo assassinato de seu filho, sua voz, sua fala, sua revolta e o clamor por justiça eram presentes em qualquer espaço onde ela se fazia presente.

As ações políticas das mulheres quilombolas são uma extensão natural de suas lutas cotidianas. Elas não se limitam a resistir contra as opressões, mas também se envolvem em processos de articulação e mobilização comunitária. A liderança dessas mulheres é fundamental para a construção de uma base sólida para a reivindicação de direitos territoriais, igualdade racial e gênero, e a afirmação de suas identidades. A referência à **Mãe Maria Bernadete Pacífico Moreira** e ao ativista **Binho do Quilombo** ressoa profundamente neste contexto. Suas trajetórias representam a resistência incansável de mulheres e homens quilombolas diante das adversidades, e seus legados continuam a inspirar gerações futuras por busca por justiça e punição efetiva aos culpados. A perda dessas duas lideranças, mãe e filho, é uma ferida aberta que lembra a urgência de uma ação coletiva e sistemática contra a violência que assola as comunidades quilombolas e negras por todo Brasil. **#ParemdeNosMatar!**

O processo de lutas, formação e articulação política das mulheres quilombolas na Bahia é um testemunho vívido da resiliência e da determinação dessas mulheres em defenderem suas identidades, territórios e direitos. Durante a criação deste texto, encontrei inspiração e guia em figuras como Mãe Maria Bernadete Pacífico Moreira, uma líder

quilombola e conselheira, cujo legado é uma fonte constante de força. Refletindo sobre as palavras da majestosa intelectual, filósofa, historiadora, professora, ativista negra e feminista, uma pensadora do Brasil Lélia **Gonzalez** (1984), compreendo a importância de afirmar que nossos nomes e sobrenome tem histórias, especialmente em face do racismo e suas violações correlatas que tenta sumariamente nos subjugar, anular e nos assassinar.

A realidade das mulheres quilombolas na Bahia é atravessada por uma trajetória marcada pela resistência, resiliência e busca por reconhecimento de suas identidades culturais e direitos. Nesse contexto, suas pedagogias emergem como fortes manifestações de luta, onde saberes ancestrais, atuações políticas e a educação escolar se entrelaçam na construção de um bem viver que transcende as limitações impostas pela colonialidade e suas articulações históricas com eixos de opressões, como do racismo, sexismo, classismo e outros. As atuações políticas dessas mulheres quilombolas se manifestam como parte intrínseca de suas pedagogias. Elas se engajam em uma luta multifacetada, que abrange a demarcação de seus territórios, a garantia de direitos básicos e a resistência contra práticas racistas e discriminatórias.

A articulação dessas ações políticas com suas práticas pedagógicas amplia o alcance de sua luta, permitindo que as gerações mais jovens se envolvam na defesa de suas culturas e territórios, que vai além ao território físico, pois ele é ancestral, da memória e da história dessas sujeitas. Ao testemunhar o ativismo dessas mulheres, as futuras gerações são inspiradas a seguir seus passos, construindo uma rede de solidariedade e fortalecimento mútuo. Através dessas pedagogias, essas mulheres não apenas preservam suas culturas e tradições, mas também inspiram as futuras gerações a trilharem um caminho de dignidade, empoderamento e efetiva equidade.

4. Considerações Finais

As trajetórias de vida e as memórias das mulheres quilombolas apresentam um rico mosaico de experiências e aprendizados. Elas emergem como protagonistas na preservação e transmissão dos saberes ancestrais, contribuindo para a perpetuação das culturas e tradições quilombolas. Suas ações políticas de resistência, ativismo e luta por direitos e territórios ressoam como exemplos de (re)existência em meio a adversidades históricas e contemporâneas. As histórias pessoais dessas mulheres, que carregam em si a complexidade de serem mães, de viverem em periferias, de serem feministas negras e de atuarem como

pesquisadoras, enriquecem o entendimento das interseccionalidades que permeiam suas identidades.

Ao compreender as formas de ensinamentos variados construídos e preservados nas pedagogias desenvolvidas por mulheres quilombolas na Bahia, observo a grande importância dessas vozes para a construção de um projeto de sociedade negra baseado na justiça, equidade, celebração de suas identidades, na cosmovisão e no Bem Viver. Suas trajetórias, memórias e práticas pedagógicas lançam luz sobre a resiliência, a resistência e a transformação social que permeiam suas vidas. A educação escolar quilombola, nesse contexto, emerge como um espaço de empoderamento e afirmação, proporcionando a formação para o bem viver e a capacidade de questionar as estruturas de poder vigentes.

Diante dessas tragédias e da constante violência que ameaça as vidas dos povos de comunidade tradicionais, é imperativo erguer nossas vozes em protesto. A impunidade que persiste diante desses crimes é um reflexo da desvalorização, desrespeito, e ódio sistemático produzidos pela estrutura dos racismos nas nossas vidas como pessoas negras. É um chamado para a ação, para romper com essa realidade injusta e lutar por justiça efetiva, equidade efetiva, dignidade efetiva para todas, todes e todos que cotidianamente vive a experiência das violências racistas, sexistas, transfóbicas, do capacitismo, e outras.

Nossos protestos, dor e indignação não apenas denunciam esses atos cruéis, mas também afirmam que não nos curvaremos diante da adversidade, que continuaremos a lutar por um mundo onde as vidas negras verdadeiramente importem e onde o a filosofia africana do Ubuntu seja vivido em sua plenitude. Este texto é dedicado a memória de nossa agora ancestral **Maria Bernadete Pacífico Moreira**, a todas as lideranças quilombolas, jovens negros e negras, ao qual pelo extermínio são acometidos cotidianamente, aos povos originários... A vocês, minhas reverências.

UBUNTU!

5. Referências

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

FIGUEIREDO, A. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. e 0102, 2020. DOI: 10.5965/2175180312292020e0102. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em: 15 jul. 2022.

hooks, bell. *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019. 384 p.

MAURICE, M. Makumba. *Introdução à Filosofia Africana: Passado e Presente*. Trad. De Mário de Almeida. São Paulo: Paulinas; Prior Velho, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. Sistemas alternativos organizados pelos negros dos quilombos às favelas. *In*: _____. Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição. *Diáspora Africana*: Editora Filhos da África, 2018. p. 211- 222.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. Nascimento, Wanderson Flor do. - 1. ed - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

QUIJANO. Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). *Acolonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.